



CUIDAR É DEIXAR-SE MOLHAR: ESCRIVENDO O CUIDADO EM SAÚDE À LUZ DA EPISTEMOLOGIA DAS ÁGUAS E DO ESPELHO DE OXUM¹

Marcelo Rodrigues da Silva²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o processo de cuidado hospitalar a partir da experiência de um residente em psicologia (2024–2025), articulando escrevivência e epistemologias afro-diaspóricas e decoloniais, inspiradas no Espelho de Òsun e na metáfora da água. Critica a ortodoxia biomédica e a racionalidade ocidental, propondo o cuidado como experiência relacional, política e ética, ancorada na memória, ancestralidade e dignidade da vida.

Palavras-Chave: Escrevivência; Cuidado hospitalar; Epistemologias afro-diaspóricas.

TO CARE IS TO LET ONESELF BE SOAKED: WRITING HEALTHCARE IN THE LIGHT OF THE EPISTEMOLOGY OF WATERS AND THE MIRROR OF ÒSUN

¹ É imprescindível destacar, desde logo, uma demarcação acerca do que se entende por 'epistemologia das águas', expressão aqui empregada para designar uma matriz oxunista de produção de conhecimento e de ética do cuidado. Essa concepção se distingue daquela proposta por Maria Barbara da Costa Cardoso (2020), que compreende a epistemologia das águas como um sistema de saberes emergente do território educativo amazônico, fundamentado nas inter-relações entre povos ribeirinhos e quilombolas. A perspectiva adotada neste trabalho, por sua vez, enfatiza a dimensão afrodiaspórica de Oxum, de modo que as águas aqui evocadas ultrapassam sua materialidade geográfica e territorial para constituírem-se como dimensão da subjetividade e da ética clínica."

² Possui formação em nível técnico-profissional em Enfermagem pela Escola Estadual de Educação Profissionalizante Ícaro de Sousa Moreira (2016) e graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Christus (2023). É especialista em Cuidado Cardiopulmonar (2026) e residente do Programa de Residência Multiprofissional em Psicologia, com ênfase em Terapia Intensiva, pela Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE). Sua trajetória formativa inclui, ainda, especialização em Humanização e Cuidados Paliativos (2025) e MBA em Saúde Coletiva (2025), ambos pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), além de especialização em Educação a Distância e Docência no Ensino Superior pela Faculdade Iguaçu/UNIMINAS (2026). Email: marcelordspsi@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1446-5285>



Abstract: This article aims to analyze the process of hospital care based on the experience of a psychology resident (2024–2025), articulating *escrevivência* and Afro-diasporic and decolonial epistemologies inspired by the Mirror of Òsun and the metaphor of water. It critiques biomedical orthodoxy and Western rationality, proposing care as a relational, political, and ethical experience grounded in memory, ancestry, and the dignity of life.

Keywords: *Escrevivência*; Hospital care; Afro-diasporic epistemologies.

CUIDAR ES DEJARSE MOJAR: ESCRIBIENDO EL CUIDADO EN SALUD A LA LUZ DE LA EPISTEMOLOGÍA DE LAS AGUAS Y DEL ESPEJO DE ÒSUN

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar el proceso de cuidado hospitalario a partir de la experiencia de un residente en psicología (2024–2025), articulando la *escrevivência* y epistemologías afrodiáspóricas y decoloniales, inspiradas en el Espejo de Òsun y en la metáfora del agua. Critica la ortodoxia biomédica y la racionalidad occidental, proponiendo el cuidado como una experiencia relacional, política y ética, anclada en la memoria, la ancestralidad y la dignidad de la vida.

Palabras-clave: *Escrevivência*; Cuidado hospitalario; Epistemologías afrodiaspóricas.

PRENDRE SOIN, C'EST SE LAISSER MOUILLER : ÉCRIRE LE SOIN EN SANTÉ À LA LUMIÈRE DE L'ÉPISTÉMOLOGIE DES EAUX ET DU MIROIR D'ÒSUN

Résumé: Cet article a pour objectif d'analyser le processus de soin hospitalier à partir de l'expérience d'un résident en psychologie (2024–2025), en articulant l'*escrevivência* et des épistémologies afro-diasporiques et décoloniales, inspirées du Miroir d'Òsun et de la métaphore de l'eau. Il critique l'orthodoxie biomédicale et la rationalité occidentale, en proposant le soin comme une expérience relationnelle, politique et éthique, ancrée dans la mémoire, l'ancestralité et la dignité de la vie.

Mots-clés: *Escrevivência*; Soin hospitalier; Épistémologies afro-diasporiques.



INTRODUÇÃO

*Ore Yèyé o! Yèyé o! Yèyé o f'ibèrì omo
A dágba r'omi wa A dágba r'omi wa Yèyé o,
Òsun Omi o lóló
Òsun l'a omi ro Òrìsà l'a n'ilé sun
Efun efun efun l'a yò Òsun l'a omi ro Ìyá omi ro
Òsun ẹ l'a yọ³
(Majur, Bruno Odessi, Domínio Público,
2025)*

Trazer à introdução uma saudação a Òsun como Mãe que cuida e como correnteza que sustenta a vida não constitui ornamento, mas gesto epistemológico. Ao lembrar que “crescemos e viemos das águas”, afirma-se que o cuidado também se funda em cosmologias⁴, memórias e modos de existência historicamente desautorizados. Nesse horizonte, a água opera como metáfora e ética da escuta, e permite tensionar o encontro entre promessas institucionais de humanização e a experiência concreta do cotidiano em saúde, onde nem sempre o que está escrito corre como rio.

O Sistema Único de Saúde (SUS), instituído pela Lei nº 8.080/1990, organiza-se pelos princípios da universalidade, integralidade e equidade, incorporando a humanização como diretriz reafirmada pela Lei nº 15.126/2025 (Brasil, 1990; Brasil, 2025). A Política Nacional de Humanização (2003) e a Política Nacional de Atenção Hospitalar (2013/2017) consolidam esse compromisso ao defenderem práticas inclusivas e sensíveis às desigualdades (Brasil, 2003; Brasil, 2017). Nesse cenário, a Psicologia, especialmente nas

³ Salve a bondosa Mãe! Ó Mãe! Mãe que cuida da cabeça dos filhos. Nós crescemos e viemos das águas. Nós crescemos e viemos das águas. Ó Mãe Oxum, Águas que correm mansamente. Oxum é quem faz as águas murmurarem, Orixá que habita em sua casa. Com o pó sagrado nos alegamos, Oxum é quem faz as águas murmurarem. Mãe das águas que ressoam, Oxum, em ti nos alegamos (Tradução livre).

⁴ Para Sodré (2019), a cosmologia não é um sistema de crenças estático, mas uma prática política de reexistência que preserva uma ontologia da continuidade, na qual a natureza e a comunidade humana formam um corpo único e indissociável, que, colocada sob o prisma afrodiaspórico, supera toda lógica binária e ocidental.



interfaces da Psicologia da Saúde e da Psicologia Hospitalar, atua na promoção do cuidado integral e da escuta qualificada diante do sofrimento implicado no adoecimento e na hospitalização (Alves *et al.*, 2017), ainda que a clínica varie conforme referenciais epistemológicos, como margens que mudam conforme a estação.

Baptista e Dias (2010) ressaltam que a articulação entre pesquisa, teoria e prática sustenta uma atuação crítica, enquanto Mandú (2004) evidencia que o modelo biomédico permanece marcado por padronizações e relações hierarquizadas que reduzem a abertura ao diálogo e à singularidade. Tais limites indicam que a técnica não basta; a reinvenção do cuidado exige reflexão ética e reconhecimento da intersubjetividade como dimensão constitutiva do encontro em saúde (Mandú, 2004), pois há dores que não cabem em formulários e ainda assim pedem passagem.

Comprometido com essas questões, este artigo desenvolve uma reflexão ensaística que articula perspectivas decoloniais e afrodiaspóricas para tensionar os limites do cuidado hospitalar. Parte-se da compreensão de que o modo como se concebe o sofrimento orienta a prática clínica. Moretto (2023) afirma que a clínica se funda em concepções éticas e ontológicas, e Evaristo (2014) sustenta que “o mundo que é dito existe” (p. 14), indicando que nomear o sofrimento é legitimá-lo. O cuidado começa na palavra que autoriza o vivido a emergir e, ao emergir, a respirar.

A escrevivência, formulada por Conceição Evaristo, nasce das experiências de mulheres negras e afirma-se como prática de resistência que ultrapassa o campo literário (Fonseca, 2020). No contexto hospitalar, torna-se elaboração ética do encontro e gesto de implicação, um modo de registrar o que transborda dos protocolos sem recusar o rigor do pensamento. Pergunta-se, então, como as escrevivências, em diálogo com a epistemologia das águas e o Espelho de Òsun, podem ampliar o sentido de cuidado no



cotidiano hospitalar. Busca-se compreender como essa prática, articulada à epistemologias afro-diaspóricas e decoloniais, permite reconhecer modos de cuidado que ultrapassam protocolos biomédicos, ao (a) afirmá-la como estratégia de enunciação e resistência, (b) analisar como normas atravessam a escuta, o vínculo e o reconhecimento do sofrimento, e (c) refletir sobre outras chaves para pensar o cuidado como relação, escuta e implicação.

A adoção da escrevivência dialoga com a crítica ao epistemicídio de Carneiro (2005) e com a compreensão da escrita como gesto político em Evaristo (2020), ampliada por Machado (2021). Conforme Nogueira (2020), a episteme preta sustenta uma ética afirmativa da vida. Se o paradigma dominante busca fixar o saber em linhas retas, essas epistemologias o pensam como travessia, onde conhecer implica mover-se, escutar e assumir posição.

Nesse horizonte, o Espelho de Òsun, proposto por Santos e Oliveira (2023), desloca o conhecimento do sujeito universal para a coletividade ancestral. O abebé simboliza reciprocidade entre visível e invisível, e a epistemologia das águas afirma o saber como fluxo relacional, inseparável de corpo, memória e responsabilidade (Santos, 2022; Dias, 2020). Em diálogo com Oyěwùmí (1997), Rocha (2023) e Reis Neto (2020), emerge uma perspectiva situada que articula corpo, ancestralidade e espiritualidade, como quem aprende a pensar com os pés no chão e a cabeça voltada ao rio. A escrevivência aproxima-se, assim, do “ebó epistemológico” de Abdala-Costa (2023) e do “ebó onto-epistêmico” de Oliveira (2025), assumindo-se como gesto crítico que reinscreve corpos negros como produtores de saber.

Este texto, portanto, assume-se como ebó escreviente: não para ornamentar a ciência, mas para reencantá-la, afirmando o cuidado como prática de implicação, memória e reexistência, na delicada insistência de manter o humano vivo dentro da instituição.



METODOLOGIA IMPLICADA E HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO: ESCRIVIVÊNCIA, DESIGUALDADES E EPISTEMOLOGIA DAS ÁGUAS

A pesquisa insere-se na tradição qualitativa, compreendida como articulação indissociável entre dimensões ontológicas, epistemológicas, metodológicas e éticas, tensionando a separação cartesiana entre sujeito e objeto (Conceição *et al.*, 2020). Nesse horizonte, conhecer não significa observar à distância, mas implicar-se. O estudo fundamenta-se na abordagem autobiográfica e na autoetnografia decolonial, que deslocam o pesquisador da neutralidade para a condição de sujeito atravessado pelo campo, reconhecendo a escrita como gesto político e relacional (Costa, 2014; Portela *et al.*, 2025).

Essa perspectiva aproxima-se da escrevivência, que converte experiência em território de criação e denúncia. Escrever, aqui, não é apenas narrar, mas inscrever-se. Como indicam Spivak (2010) e Lorde (2019), falar a partir de posições historicamente silenciadas implica tensionar a própria linguagem acadêmica e afirmar a palavra como ação transformadora. A escrevivência, conforme Evaristo (2020), constitui gesto político de reivindicação de existência, sendo progressivamente incorporada às ciências humanas e à psicologia social como prática crítica e coletiva (Soares; Machado, 2017; Machado, 2021; Neves; Heckert, 2021; Siqueira *et al.*, 2021).

Trata-se, portanto, de um estudo de caráter exploratório e delineamento descritivo-interpretativo (Gil, 2008). O material empírico foi produzido por meio do diário-escrevivente, compreendido como dispositivo ético-político no qual vida e pesquisa se entrelaçam no próprio ato de escre(viver) (Soares *et al.*, 2024). Duas escrevivências foram selecionadas e analisadas por meio da construção de analisadores, entendidos como pontos de produção de sentido e não como simples reflexos de uma realidade prévia (Rocha; Aguiar, 2003).



Nesse sentido, é preciso retomar alguns pressupostos, dos quais a pesquisa considerou. Inicialmente, destaca-se que o SUS constitui uma das mais relevantes conquistas sociais no Brasil, embora sua efetivação permaneça atravessada por desigualdades estruturais que marcam corpos e trajetórias. Dados indicam que a população negra concentra a maior parte dos atendimentos e internações, revelando vulnerabilidades historicamente produzidas pelo racismo estrutural (HubEP, 2024). Mulheres negras, por sua vez, apresentam maiores índices de adoecimento, enquanto homens negros concentram maiores taxas de mortalidade (Jornal da USP, 2024). Tais assimetrias se materializam nos serviços, onde se observam práticas discriminatórias e maior risco de morte materna entre mulheres negras (Leal *et al.*, 2017). Por outro lado, a população LGBTI+ enfrenta discriminação institucional (Miskolci *et al.*, 2022), e a dimensão de classe reforça a centralidade do SUS como único acesso possível à saúde para amplos segmentos sociais (Mendes, 2012).

Desse modo, é dada a devida importância à Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (Portaria nº 992/2009) que reconhece o racismo institucional como determinante das iniquidades, assim como ao Decreto nº 12.278/2024 que reafirma o papel dos povos e comunidades tradicionais de terreiro como referências culturais e de cuidado.

Pondera-se que a escrivência tem sido mobilizada no campo da saúde como recurso metodológico e político que legitima narrativas e tensiona a hegemonia biomédica (Alves *et al.*, 2023; Tremper *et al.*, 2020), de modo que nesse diálogo com a tradição de Carolina Maria de Jesus e com a formulação de Evaristo (2017; 2020), a escrita emerge como gesto coletivo de resistência, capaz de articular memória individual e história social. Ao escrever, o sujeito não apenas relata, mas reorganiza o mundo e reinscreve-se nele.



Diante disso, a epistemologia das águas oferece fundamento ético-metodológico para compreender o cuidado como prática relacional e insurgente. Em Òsun, o conhecimento nasce do corpo e da ancestralidade, rompendo a separação entre sujeito e objeto e afirmando o saber como fluxo. O espelho de Òsun, conforme Dias (2020), configura-se como dispositivo político que mobiliza dimensões religiosas e comunitárias, aproximando-se do “fato social total” (Mauss, 1974).

Assim, a epistemologia das águas desloca o cuidado do domínio do controle para o da relação. Conhecer torna-se movimento, e cuidar assume a forma de gesto político e espiritual que, como água corrente, contorna e atravessa as estruturas rígidas do mundo colonial, insistindo na vida onde antes havia apenas norma.

ÒSUN COMO FONTE DE CONHECIMENTO: EPISTEMOLOGIA, ONTOLOGIA RELACIONAL E ANCESTRALIDADE

No universo iorubá, reelaborado nas diásporas e atualizado no Brasil, os orixás não se reduzem à noção ocidental de “deuses”, mas configuram forças da natureza e princípios civilizatórios que organizam modos de viver, sentir e conhecer (Prandi, 2001). Articulam visível e invisível, território e comunidade, cotidiano e sagrado. Nesse horizonte, Òsun ocupa lugar central como yabá associada às águas doces e às dimensões do cuidado⁵, da

⁵ A associação de Òsun às dimensões do cuidado e da continuidade da vida dialoga estreitamente com a “Trilogia do Amor” de bell hooks, na qual a autora desloca o amor do campo do romantismo inofensivo para o campo da ética e da cura política. Em *Tudo Sobre o Amor* (2021), hooks define o amar como uma ação – a vontade de nutrir o próprio crescimento espiritual e o de outrem – o que ressoa com a força vital de Òsun. No segundo volume, *Salvação* (2021), hooks examina como o amor é ferramenta de cura coletiva e ancestral para populações negras atravessadas pelo trauma colonial. Por fim, em *Comunhão: a busca feminina pelo amor* (2022), a autora investiga como mulheres buscam um amor que sustente sua integridade e autonomia. Assim, o saber de Òsun, que “contorna a pedra”, traduz a prática do amor como um projeto de reexistência e manutenção da vida em territórios negros.



fecundidade e da continuidade da vida. Seus saberes, violentados pelo colonialismo, foram preservados e recriados nas experiências afro-brasileiras, atravessando a história como água que contorna a pedra (Dias, 2020).

A mitologia de Òsun, sistematizada por Prandi (2001) e relida por Dias (2020), revela uma divindade cuja potência ultrapassa a imagem estereotipada da doçura. Ao ser excluída das decisões entre os orixás masculinos, Òsun suspende a fertilidade do mundo, evidenciando que sem ela não há prosperidade nem continuidade. Reconhecê-la é reconhecer a centralidade do princípio relacional que integra corpo, afeto e espiritualidade. Nesse contexto, sua narrativa adquire densidade política ao denunciar processos de epistemicídio e onto-epistemicídio que subalternizaram saberes africanos (Carneiro, 2005).

Pensar o cuidado a partir de Òsun implica deslocar os marcos tradicionais do conhecimento. Não se trata de referência simbólica, mas de reposicionamento ontológico e epistemológico. Rocha (2023), inspirada em Oyèrónké Oyěwùmí, compreende o oxunismo como filosofia de re-ligação que articula ancestralidade, espiritualidade e política. Para Oyěwùmí (1997; 2016a; 2016c), Òsun encarna a matripotência, princípio ontológico que sustenta a vida e a organização comunitária. A maternidade, nesta chave, não é atributo biológico nem categoria de gênero, mas força sócio-espiritual que antecede as divisões modernas.

Desse modo, é possível afirmar que a matripotência rompe com a ontologia patriarcal e individualista ao afirmar a centralidade da òyá como instituição ética e espiritual, sem contraparte paterna nos moldes ocidentais (Amadiume, 1989; Coetzee, 2017; Gabriel, 2022). A generificação da maternidade, segundo Oyěwùmí, é efeito da colonialidade do saber que apagou princípios organizativos africanos (Oyěwùmí, 1997; 2016c). Assim, Òsun como



Ìyá primordial sustenta uma ontologia relacional em que a vida é sempre coletiva.

O oxunismo emerge, então, como ferramenta de dessujeição e decolonização do conhecimento. Inspirado em Òsun, reivindica o direito de nomear o mundo a partir de referenciais autóctones, reconhecendo o caráter político da linguagem (Thiong'o, 1981; Nietzsche, 2009). Trata-se de romper com categorias coloniais e reinscrever a Ìyá como princípio ético, ontológico e político da humanidade.

Essa inflexão projeta-se metodologicamente na forma de produzir saber. O conhecimento deixa de ser abstração desincorporada e passa a afirmar-se como experiência encarnada e relacional. Costa (2023), em diálogo com Machado (2019) e Rocha (2023), compreende Òsun como “ventre do conhecimento”, matriz geradora de mundos outros. A água e o corpo tornam-se metáforas epistemológicas, lugares onde saber e afeto se entrelaçam.

Nesse contexto, o conceito de corpo-orí-idade, sistematizado por Oyěwùmí (2016a; 2016c), oferece chave fundamental. Corpo, orí e idade não se separam: constituem uma ontologia relacional em que materialidade, espiritualidade e tempo vivido se entrelaçam. O corpo é inscrição de memória e ancestralidade (Machado, 2019); o orí é princípio ético e destino singular, inseparável das relações sociais (Gbadegesin, 2004; Salami, 2020; Jagun, 2015); a idade, compreendida como senioridade, organiza responsabilidades coletivas segundo anterioridade existencial, e não gênero (Oyěwùmí, 1997; Coetzee, 2017).

Essa ontologia desloca pressupostos eurocentrados ao afirmar que o ser se constitui na relação. Dialoga, ainda, com o “pensar-viver-água” de Reis Neto (2020), no qual conhecimento emerge do entrelaçamento entre corpo, afetos e ancestralidade. Deixar-se conduzir pelas águas de Òsun é assumir uma epistemologia que acolhe vulnerabilidade e reconhece no outro uma fonte



legítima de saber. Reencantar o mundo, nesse registro, é gesto político e espiritual. A pesquisa torna-se oferenda, abrindo fissuras de esperança nas encruzilhadas da colonialidade e orientando as escrevivências que se seguem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: UMA AMOSTRA DE MIM

O interesse pelo cuidado atravessa minha trajetória desde a formação técnica em Enfermagem, quando, ainda na UTI, encontrei as primeiras fraturas entre ética e rotina. Ao acompanhar uma paciente travesti em cuidados paliativos, percebi que seu sofrimento não cabia apenas no biomédico: a ausência de uma rotina de aparagem dos pelos produzia desconforto e desamparo. Aprender a barbeá-la foi menos técnica do que gesto de dignidade, tempo partilhado e presença, abrindo caminho para intervenções singulares mediadas por escuta e vínculo. Esse cuidado, porém, era frequentemente lido como “excesso” por uma equipe atravessada por urgência, sobrecarga e produtividade. Mais tarde, na emergência, fui apelidado de “psicólogo” justamente por insistir em ultrapassar a medicação como resposta única, sustentando o cuidado como relação.

Essas experiências me conduziram à Psicologia e à atuação como psicólogo hospitalar em um serviço de referência cardiopulmonar, onde reafirmo o cuidado como compromisso ético-político de reconhecer singularidades e resistir à pressa que fragmenta (Mandú, 2004). É desse percurso que o movimento analítico se inicia com um gesto de terreiro, lançar água fresca ao chão, entendido como abertura e assentamento para a travessia (Reis Neto, 2020). Aqui, não é metáfora decorativa, mas posição epistemológica: recusar a rigidez, acompanhar fluxos e sustentar a escuta como modo de conhecer. Essa escolha dialoga com o encantamento como



prática de reconexão diante do desencantamento que rompe vínculos e sustenta mortes simbólicas e materiais (Simas; Rufino, 2020).

Nesse enquadre, o hospital aparece também como lugar que, por vezes, interrompe cursos vitais. Protocolos e critérios reorganizam tempo, corpo e afeto, suspendendo vínculos, rituais e modos de cuidar que sustentavam a existência antes da internação. Parte do sofrimento, portanto, não deriva apenas da doença, mas da represa institucional⁶ que, ao proteger, também interrompe. É nesse cenário que as escrevivências se afirmam como contra-dispositivos: quando a instituição estabiliza corpos e abstrai relações, narrar o vivido reinscreve a vida no campo do saber e torna legíveis efeitos concretos sobre vínculos, afetos e subjetivações.

Os resultados emergem da análise de escre(vivências) produzidas em dois anos de residência na atenção terciária, compreendidas como campo integrado de cenas assistenciais, impasses normativos, registros corporais e escutas atravessadas pela espiritualidade. Em consonância com Evaristo (2020), a experiência é tomada como lugar legítimo de elaboração epistemológica, capaz de revelar limites estruturais do cuidado invisibilizados pela racionalidade técnico-científica. O núcleo dos impasses desloca-se, então, para o que a instituição reconhece ou não como cuidado legítimo, tornando particularmente visíveis os limites normativos quando o sofrimento nasce da fratura entre o que sustenta a vida e o que a regra valida.

Os resultados que seguem não se organizam como dados a serem classificados, mas como experiências que pediram passagem. São escrevivências que emergem do cotidiano hospitalar e que, ao serem narradas,

⁶ A compreensão do hospital como "represa institucional" dialoga com a crítica de Simas e Rufino (2018) ao desencantamento do mundo. O hospital, ao burocratizar o morrer e o cuidar, opera um silenciamento simbólico que a escrevivência busca subverter ao devolver o "encanto" (a força vital e a singularidade) às narrativas de saúde.



revelam tensões entre norma e vínculo, técnica e espiritualidade, controle e fluxo. Aqui, o cuidado aparece não como conceito abstrato, mas como acontecimento vivido.

LIMITES NORMATIVOS DO CUIDADO: É MÃE, MAS EM QUE GRAU?

Esta escrevivência evidencia o embate entre norma institucional e reconhecimento do vínculo, revelando como categorias jurídicas e burocráticas podem restringir a compreensão clínica do cuidado.

“Fui acionado pela equipe para uma situação “delicada”. A família solicitava que uma criança visitasse sua cuidadora durante a internação. A resposta institucional veio pronta: visita apenas para parentes de primeiro grau. Eu não entendi a resistência – até que me disseram: a paciente era a avó.

Mas “avó” ali era pouco. Aquela mulher exercia, desde o primeiro dia, a função materna. Criou, sustentou, organizou a vida daquela criança. Para ela, não havia ambiguidade: era mãe.

A urgência que se impunha não era burocrática; era subjetiva – um filho impedido de ver quem, para ele, ocupa o lugar de mãe.

Tentei sustentar o vínculo no idioma do serviço. Argumentei que a criança já tinha idade, que visitas de menores na UTI são possíveis mediante critérios, que o encontro poderia ser mediado com cuidado. Falei com calma, quase pedagogicamente. Mesmo assim, encontrei resistência.

Com o passar da conversa, tornou-se evidente que o impasse não se limitava à regra em si.

Havia um modo de funcionamento institucional em que o tempo de casa, a familiaridade com o serviço e a autoridade tácita pesavam mais do que a leitura clínica da situação. Minha posição – atravessada também pelo fato de eu ser mais jovem e recém-chegado – parecia valer menos do que a palavra daqueles que “pertencem” ao lugar.



A norma operava como limite e proteção, mas também como contenção do que desorganiza. Reconhecer aquele laço exigiria deslocar uma ideia rígida de família e admitir que cuidado nem sempre coincide com consanguinidade formal.

Ao negar a visita, não se negava apenas um acesso. Negava-se o reconhecimento do vínculo. E eu senti os limites do meu lugar como psicólogo hospitalar quando o cuidado subjetivo é tratado como acessório: defender um encontro passa a soar como “exceção”. Mas há encontros que não curam — organizam. E há ausências impostas que deixam marca.”

O episódio explicita que a norma, embora necessária, pode operar como dispositivo de exclusão quando não reconhece vínculos que excedem a consanguinidade formal. O cuidado, nesse contexto, exige deslocamentos ontológicos e institucionais: reconhecer que família também é função, presença e história compartilhada. Esta primeira escrevivência apresenta essa fratura ao negar o acesso de uma criança à sua cuidadora por não se tratar de parentesco de primeiro grau. Embora a função materna fosse exercida de forma contínua, o vínculo foi deslegitimado por não corresponder à consanguinidade formal, empurrando o cuidado para a zona da “exceção”.

Esse achado dialoga com Oyěwùmí (1997) pela noção de matripotência: no pensamento iorubá, maternidade é princípio ontológico de sustentação da vida, exercido por quem cuida, cria e organiza a existência, e não por categoria biológica ou de gênero. Ao negar esse reconhecimento, a instituição produz violência simbólica e confirma um impasse central do modelo biomédico, a dificuldade de acolher necessidades que escapam a classificações e protocolos, sobretudo nas dimensões subjetiva, relacional e afetiva (Mandú, 2004).

Esse limite articula-se também a regimes de validação do sofrimento. Rocha (2019) indica que a tradição ocidental privilegia a visão como operador



de verdade e poder, sustentando a somatocentralidade descrita por Oyěwùmí (1997; 2003), na qual o corpo marcado por raça, gênero e classe antecede a pessoa e define expectativas e tratamentos. No campo da saúde, isso reforça a primazia do mensurável e protocolável (Mandú, 2004), tornando marginais dimensões como vínculo, presença, afeto e espiritualidade. Contra essa centralidade do olhar, Oyěwùmí propõe a cosmopercepção, deslocando o regime de validação da verdade para um conhecer multissensorial e relacional, onde a audição, em sentido ampliado, se torna atenção situada que envolve corpo, afetos e contexto.

FUNDAMENTOS

Nesta seção, o corpo do pesquisador emerge como analisador. A experiência clínica revela que espiritualidade e saberes tradicionais não são elementos periféricos, mas dimensões estruturantes do modo como muitos sujeitos compreendem o cuidado.

“Tem um dado que aparece com certa frequência nas minhas escutas e que eu demorei a levar a sério: o arrepio.

Em algumas conversas sobre religiosidade – o que é comum, porque o perfil do serviço é majoritariamente cristão – eu sentia o corpo reagir de forma imediata. Às vezes vinha também um zumbido nos ouvidos. Acontecia especialmente quando surgia Nossa Senhora da Conceição, que por vezes aparece sincretizada, nas religiões afro-brasileiras no Brasil, com Òsun.

Não era sempre.

Nem com qualquer menção à fé.

Era pontual, mas recorrente o suficiente para virar um sinal: alguma coisa me atravessava antes de eu conseguir organizar um pensamento sobre.

Eu percebia a coincidência e seguia.

Mas a reação voltava.



E, aos poucos, eu deixei de tratar aquilo como “curiosidade”. Não para transformar em explicação mística, e sim para reconhecer que o corpo também registra coisas durante a escuta — e que esse registro, às vezes, orienta onde a atenção precisa ficar.

Outro ponto que se repetiu: por vezes eu atendo pacientes que não estão no setor onde estou rodiziando. A demanda é alta. Eu entro no sistema, escolho um parecer para responder e vou. Em tese, é um gesto funcional. Um modo de dar conta do fluxo.

Só que, nesse caminho, fui colecionando histórias férteis.
E muitas vinham atravessadas por saberes tradicionais afro-brasileiros.

O hospital, quase sempre, aparece quando a doença já está instalada. Quando o corpo já foi capturado por rotinas, regras e medicações. E é justamente aí que algumas pessoas nomeiam a falta de um cuidado que, para elas, faz diferença.

Já ouvi mais de uma vez a mesma formulação, com variações:
banho só de água é bom porque é água, mas “não tem fundamento”.

Falta a erva.

Falta a vela.

Falta a defumação.

Falta a pipoca.

Falta atenção às tecnologias ancestrais de cuidado.

Falta um conjunto de práticas que não é “extra”, mas parte do tratamento do corpo e do espírito ao mesmo tempo. E, quando isso não cabe no hospital, não é só a prática que fica de fora — é uma parte do modo de viver e de se reorganizar.

Eu considero isso especialmente importante porque a espiritualidade tem grande valia no contexto em que trabalho. Em cuidados paliativos, essa



instância do cuidado não é acessória: ela compõe o modo como a pessoa sustenta sentido, presença e travessia.

Quando alguém diz que falta fundamento, não está pedindo um detalhe. Está apontando uma diferença de paradigma.

E, se eu escuto isso com seriedade, a escuta muda de lugar: deixa de ser apenas acolhimento emocional e passa a ser reconhecimento de um saber que, dentro do hospital, costuma ser desvalorizado.

O arrepio, nessas horas, vira menos um mistério e mais um marcador de atenção: o corpo me avisando que tem coisa importante acontecendo na fala do outro.

E o meu trabalho, ali, é simples e difícil:
não atrapalhar isso com pressa,
não traduzir demais,
não neutralizar.

Só sustentar o que foi dito — com respeito — e seguir cuidando dentro do que é possível, sem fingir que o possível dá conta de tudo.”

O que aparece como “arrepio” revela-se, metodologicamente, como marcador de atenção. A escuta, quando ampliada, reconhece que o hospital não é o único território de produção de saber. Há fundamentos que escapam à técnica e que, ainda assim, organizam sentido, travessia e dignidade.

É nesse deslocamento que a segunda escrevivência se anuncia quando a queixa “falta fundamento” deixa de ser lida como detalhe ritual e passa a operar como crítica ao paradigma dominante. A ausência de ervas, vela, defumação e pipoca aponta para a exclusão de tecnologias ancestrais que articulam corpo, espiritualidade e pertencimento. À luz do pensar-viver-água (Reis Neto, 2020), evidencia-se um choque de paradigmas: enquanto o hospital normatiza, saberes ancestrais compreendem o cuidado como fluxo e assentamento. Reconhecer essas tecnologias implica deslocar também o lugar



do profissional, cuja presença deixa de ser neutra e passa a ser atravessada pelo encontro.

Nesse ponto, a escrevivência Fundamentos torna o corpo do profissional analisador da escuta. Arrepio e comoção corporal emergem como marcadores de atenção clínica, sinalizando que um saber ancestral, frequentemente desautorizado, está em jogo. O dado é lido à luz de corpo-orí-idade (Oyěwùmí, 1997; Rocha, 2023), em que corpo e orí, instância ética-espiritual, são indissociáveis. Escutar, então, ultrapassa o cognitivo: é permitir que o corpo sinalize onde a atenção precisa pousar antes da elaboração racional.

CONCLUSÃO

As escrevivências produzidas na residência operam como atos de encantamento, entendidos como gesto político de reativação da vida diante das forças de morte que atravessam o hospital (Simas; Rufino, 2018). Ao escrever desde o vivido, a neutralidade é recusada e o corpo torna-se meio de transmissão de saber, pois há conhecimentos acessíveis apenas quando o sujeito se deixa atravessar pelo encontro.

A escrita de si, aqui, não ilustra empiricamente um argumento; tensiona a colonialidade do saber (Maldonado-Torres, 2007) e se ancora em uma autoetnografia decolonial que torna visíveis condições históricas, raciais e institucionais do cuidado (Portela *et al.*, 2025). Decolonizar epistemicamente implica reconhecer a validade de experiências africanas e provincializar o Ocidente, evidenciando que suas categorias não são universais (Oyěwùmí, 2016a). Essa crítica alcança o próprio modo de pesquisar: quando o Ocidente é tomado como medida do universal, realidades africanas são marginalizadas, exigindo situar historicamente instrumentos e lógicas de investigação (Coetzee, 2017). Evocando Ogum, Flor do Nascimento (2021) sugere que



pesquisar com filosofias africanas demanda consciência das ferramentas e de seus efeitos de legitimidade.

Produzir conhecimento desde um corpo negro e periférico constitui recusa à neutralidade colonial e afirma o cuidado como situado (Grosfoguel, 2016). Nessa direção, a escrevivência torna-se norte político-metodológico e se aproxima do ebó epistemológico (Abdala-Costa, 2023) e do ebó onto-epistêmico (Oliveira, 2025), como gesto de limpeza crítica das categorias coloniais e reposicionamento ético do saber. Essa inflexão substitui o espelho de Narciso, metáfora da episteme colonial autocentrada, pelo espelho de Òsun, operador que reconhece a densidade histórica, racial, afetiva e espiritual do sofrimento e a implicação de quem cuida (Dias, 2020; Nogueira, 2020). No campo da saúde, a colonialidade do poder, do saber e do ser produz hierarquização de sofrimentos, exclusão de tecnologias ancestrais e violência institucional (Quijano, 2005), o que demanda assumir, com Bicudo (1945/2010), que o sofrimento é atravessado por raça e posição social.

As escrevivências analisadas evidenciam como o cuidado hospitalar produz reconhecimento e apagamento. Em *Limites normativos do cuidado*, a norma define regimes de legibilidade do vínculo, empurrando laços vitais para a exceção. Em *Fundamentos*, o arrepio aparece como marcador de atenção clínica e a frase “falta fundamento” explicita choque de paradigmas entre cuidado mensurável e cuidado que integra corpo, espiritualidade e pertencimento, exigindo não neutralizar o que sustenta a vida.

Conclui-se que parte significativa do sofrimento no hospital decorre da ruptura entre modos de vida e de cuidado anteriores à internação e aquilo que a instituição reconhece como cuidado legítimo. Defende-se, portanto, uma clínica de presença e de sustentação de fluxos, sintetizada na tese de que cuidar é deixar-se molhar. Òsun opera como chave epistemológica, não ornamental, pois nas filosofias africanas as divindades funcionam como formulações



conceituais do mundo (Salami, 2020). O pensamento oxunista afirma a diferença como fundamento do real e como abertura não excludente (Oyěwùmí, 2016a; Flor do Nascimento, 2021), sustentando uma ética de responsabilidade matripotente e uma estratégia de cuidado que desarma a violência sem reproduzir sua gramática. Reconhecem-se limites no diálogo com autoras e autores negros, indicando continuidades; ainda assim, deseja-se que o texto opere como água: contorne a pedra, abra frestas e afirme múltiplas lógicas de cuidado e conhecimento no interior da saúde.

REFERÊNCIAS

ABDALA-COSTA, Marcelo Pimentel. Bajanarotu e o pássaro que volta atrás: a escrevivência como ebó epistemológico. *Cuadernos ULAPSI*, 2023, p. 21. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marcia-Palassi/publication/370180167_Cuarderno_Ulapsi_Derechos_Humanos_y_Movimientos_Sociales/links/64431e0b8ac1946c7a40827a/Cuarderno-Ulapsi-Derechos-Humanos-y-Movimientos-Sociales.pdf#page=24. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

ALVES, A. A.; SANTOS, M. J. P.; FERREIRA, R. A.; COSTA, A. S.; COSTA, F. C. Psicologia da saúde e psicologia hospitalar: conceitos, características e diferenciações. *Revista Humano Ser – UNIFACEX*, v. 3, n. 1, 2017, p. 120-136. Disponível em: <https://revistaft.com.br/psicologia-hospitalar-e-psicologia-da-saude-diferenciacoes-e-caracteristicas-da-atuacao-profissional-nesses-contextos/>. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

BAPTISTA, Makilim Nunes; DIAS, Rosângela Rodrigues. Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos. 2. ed. Rio de jan.: Guanabara Koogan, 2010.

BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. São Paulo: Sociologia e Política, 2010 [1945].

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 20 set. 1990. Disponível em:



https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017. Consolidação das normas sobre as políticas nacionais de saúde do SUS: Política Nacional de Atenção Hospitalar (PNHOSP). Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/atencao-especializada-e-hospitalar/politica-nacional-de-atencao-hospitalar>. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

BRASIL. Lei nº 15.126, de 28 de abril de 2025. Altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990 (Lei Orgânica da Saúde), para estabelecer a atenção humanizada como princípio no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 abr. 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15126.htm. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS – HumanizaSUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/humanizasus>. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COETZEE, Azille. African feminism as decolonising force: a philosophical exploration of the work of Oyèrónké Oyěwùmí. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia), Faculty of Arts and Social Sciences, Stellenbosch University, Cidade do Cabo, 2017.

CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo *et al.* Educando pesquisadores qualitativos em saúde no Brasil: perspectivas discentes e docentes. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 30, 2020, e300412. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/7FjDGg6G4LKYKthHcJVHtvD/?format=html>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

COSTA, Gisele da Cruz Siqueira. O corpo negro como fissura epistemológica: Odú de Oxum para a produção de poéticas de encantamento e agência negra na pesquisa acadêmica. 2023. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais), Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Rio de Jan., 2023.



DIAS, Luciana de Oliveira. Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora. *Articulando e Construindo Saberes*, Goiânia, v. 5, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/63860>. Acesso em: 7 de fev. de 2026.

DUTRA, Luciana et al. Da lógica flexneriana à integração do sujeito – do hospital ao território, da fragmentação à integralidade do cuidado no Sistema Único de Saúde (SUS). *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, v. 23, n. 8, 2025, e11025.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de jan.: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. Estação Plural – escrevivência e maturidade. Entrevista concedida a Ellen Oléria, Fefito e Mel Gonçalves. TV Brasil, 12 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de jan.: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-48.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GBADEGESIN, Segun. Toward a theory of destiny. In: WIREDU, Kwasi (ed.). *A companion to African philosophy*. Oxford: Blackwell, 2004, p. 313-323.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 2016, p. 25-49.

HUBEP. Acesso à saúde no Brasil também é uma questão de cor. 2024. Disponível em: <https://hubep.org.br/acesso-a-saude-no-brasil-tambem-e-uma-questao-de-cor/>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

JAGUN, Márcio de. Orí: a cabeça como divindade – história, cultura, filosofia e religiosidade africana. Rio de jan.: Litteris, 2015.



JORNAL DA USP. Negros sofrem mais com doenças crônicas e adversidades na vida explicam parte desse adoecimento. 19 de junho de 2024. Disponível em:

<https://jornal.usp.br/ciencias/negros-sofrem-mais-com-doencas-cronicas-e-adversidades-na-vida-explicam-parte-desse-adoecimento/>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

LEAL, Maria do Carmo *et al.* A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, 2017, e00078816.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 51-56.

MACHADO, Adilbênia Freire. Odus: epistemologias afrorreferenciadas e valores civilizatórios afro-brasileiros na educação. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (org.). *Educação e relações étnico-raciais: apostando na formação de professores*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019, p. 167-186.

MACHADO, Lúcia Pereira de Souza Alves. Escrivências clínicas: violência sexual na vida de meninas negras – um triplo trauma. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1547>. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the coloniality of being. *Cultural Studies*, v. 21, n. 2-3, 2007, p. 240-270.

MANDÚ, Edir Nei Teixeira. Intersubjetividade na qualificação do cuidado em saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 12, 2004, p. 665-675. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/N8xBx67GG5N54hxm7XKx3Bz/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENDES, Eugênio Vilaça. Os desafios do SUS. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2012. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/08/1104190/desafios-do-sus.pdf>. Acesso em: 16 de janeiro de 2025.



MISKOLCI, Richard *et al.* Desafios da saúde da população LGBTI+ no Brasil: uma análise do cenário por triangulação de métodos. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 10, 2022, p. 3815-3824.

MORETTO, Maria Lívia Tourinho. A importância da escuta do sofrimento na formação e nas práticas de cuidado em saúde. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 30, 2023, e15531. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/bitstreams/09a09291-b019-4291-87c5-b224fc893931>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

NEVES, Giovana Silva; HECKERT, Ana Lúcia Coelho. Escrivência: uma ferramenta metodológica de análise. *Mnemosine*, v. 17, n. 1, 2021, p. 139-162. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/mnemosine.2021.61847>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância religiosa. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

OLIVEIRA, Iris Verena. Ebó onto-epistêmico: modos de aprontar escrituras na pesquisa em educação. *Revista e-Curriculum*, v. 23, 2025. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-38762025000100118&script=sci_arttext. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké (org.). *African women and feminism: reflecting on the politics of sisterhood*. Trenton (New Jersey): Africa World Press, 2003.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Desaprendendo lições da colonialidade: escavando saberes subjugados e epistemologias marginalizadas. Seminário Internacional Decolonialidade e Perspectiva Negra, Brasília, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zeFI9vTI8ZU>. Acesso em: 22 de abril de 2022.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Gender and motherhood at Rhodes University. Conversation at Rhodes University with Prof. Zine Magubane and Prof. Oyèrónké Oyèwùmí on Gender and Motherhood, 21 June 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6NRbvqeY1xw>. Acesso em: 11 de agosto de 2022.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: making an African sense of Western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.



OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *What gender is motherhood? Changing Yorùbá ideals of power, procreation, and identity in the age of modernity*. New York: Palgrave Macmillan, 2016.

PORTELA, Francileuda Farrapo; MOURA JÚNIOR, James Ferreira; OLIVEIRA NETO, José da Silva. Autoetnografia como ferramenta decolonial de análise racial: reflexões sobre a branquitude e o racismo em pesquisas na Psicologia. In: BARROS, João Paulo Pereira et al. (org.). *Políticas e ferramentas de pesquisa em Psicologia: experimentações e deslocamentos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2025, p. 59-79.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Aníbal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

REIS NETO, João Augusto dos. Pensar-viver-água em Oxum para (re)encantar o mundo. *Revista Calundu*, v. 4, n. 2, 2020. Disponível em: https://calundu.org/wp-content/uploads/2021/01/v4n2_006_artigo.pdf. Acesso em: 12 de fev. de 2026.

ROCHA, Aline Matos da. Corpo-orí-idade: uma investigação filosófica sobre ontologia relacional no pensamento de Oyèrónkẹ Oyěwùmí. 2023. Tese (Doutorado em Metafísica), Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

ROCHA, Marisa Lopes; AGUIAR, Katia Faria. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 23, n. 4, 2003, p. 64-73.

SALAMI, Minna. *Sensuous knowledge: a Black feminist approach for everyone*. London: Zed Books, 2020.

SANTOS, Ana de Oliveira; OLIVEIRA, Luan Rodrigues de. A metodologia do espelho de Oxum na Psicologia. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 16, Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpn.emnuvens.com.br/site/article/view/1625>. Acesso em: 7 de fev. de 2026.

SANTOS, Lannay Egidia Pereira dos et al. Escrevivências dos cuidados de yalorixás negras, filhas de Oxum em Maceió. 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/11311>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de jan.: Mórula Editorial, 2018.



SIQUEIRA, Luciana Alves Rodrigues; PEREIRA, João Gabriel; SANTOS, Maria Lúcia. Narrativas em meio à pandemia: tecendo resistências, pensando metodologias, renovando apostas. *Mnemosine*, v. 17, n. 1, 2021, p. 26-49. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/mnemosine.2021.61842>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

SOARES, Leonardo Viana; MACHADO, Paula Sandrine. Escrevivências como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, v. 17, n. 39, 2017, p. 203-219. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

SOARES, Mayara Ruth Nishiyama; MIRANDA, Luciana Lobo; BARROS, João Paulo Pereira. “A gente combinamos de escre (viver)”: analisadores-escrevíveis com estudantes de uma escola pública de Fortaleza/CE. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)*, v. 15, n. 1, 2024, p. 350-383. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/23131>. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

THIONG’O, Ngũgĩ wa. *Decolonising the mind: the politics of language in African literature*. Harare: Zimbabwe Publishing House, 1981.

TREMPER, Monique; ALVES, Maria Cristina; CABRAL, Kênia Vieira. Escrevivências sobre cuidado ao usuário de álcool e outras drogas: diálogos entre redução de danos e pensamento descolonial. In: ALVES, Maria Cristina; ALVES, Ana Cláudia (orgs.). *Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas*. [S. l.]: Rede UNIDA, 2020, p. 111-133. Disponível em: <https://doi.org/10.18310/97885543293>. Acesso em: 16 de jan. de 2026.

Recebido em: 27/02/2026

Aprovado em: 03/06/2026